

Fundo europeu pode cair em descrédito

Analistas apontam risco de que recursos sejam suficientes só para socorrer nações pequenas, como a Grécia

Fragilidade de países menores e risco do sistema bancário faz com que a crise ameace a economia mundial

ÉRICA FRAGA
DE SÃO PAULO

A aprovação pelo Parlamento da Alemanha de poderes e recursos ampliados para o fundo criado pela Europa para socorrer os países em crise trouxe alívio para políticos e investidores na última quinta-feira.

Mas o fundo vitaminado corre risco de nascer defasado e, com isso, cair em descrédito.

Isso porque, para analistas, os € 440 bilhões (R\$ 1 trilhão) que terá o EFSF (sigla de Fundo Europeu de Estabilidade Financeira) poderão ser suficientes só para socorrer países menores como Grécia, Irlanda e Portugal.

Mas nações maiores, como Itália e Espanha, talvez também precisem de ajuda.

Além disso, bancos de diversos países europeus têm grande exposição às economias afetadas (veja quadro nesta página).

ORIGEM

Um artigo dos pesquisadores Peter Boone e Simon Johnson, do Peterson Institute, explica que o Banco Central Europeu costumava tratar os títulos soberanos de todos os países da zona do euro de forma relativamente igualitária.

Bancos podiam, por exemplo, converter títulos das dívidas dos países em dinheiro junto aos bancos centrais de cada nação. Isso teria estimulado bancos a emprestarem para os governos.

Segundo a revista britânica "The Economist", essa situação acabou fazendo com que os juros pagos pelos governos europeus convergissem para patamar próximo.

O problema é que nem todos os países tinham a mesma saúde financeira.

A Grécia, por exemplo, se endividou muito, situação agravada pela baixa arrecadação tributária no país.

Já Espanha e Itália, ainda que com contas mais frágeis do que Alemanha e Reino Unido, têm saúde financeira bem melhor do que Grécia e Portugal, por exemplo.

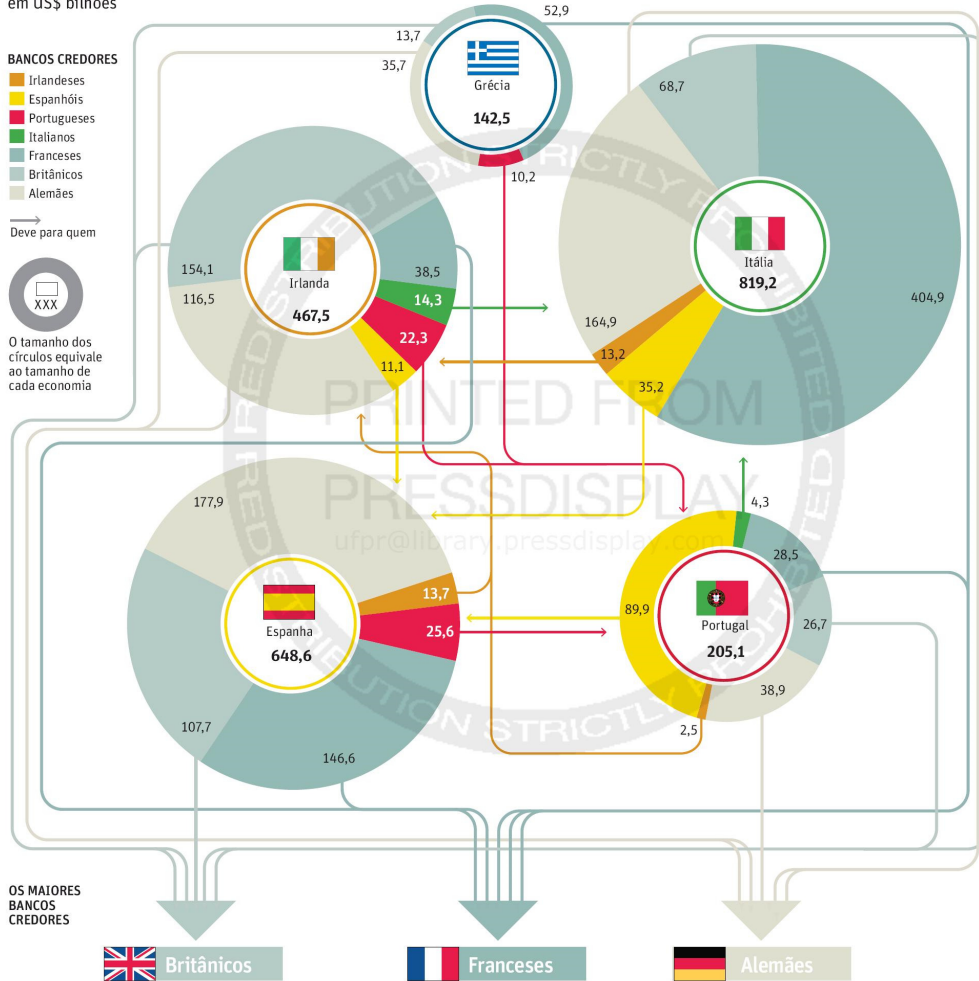
Mas, em tempos de crise e pânico, alguns problemas passam a ser vistos com lente de aumento pelo mercado financeiro. Isso ajuda a explicar a fuga de títulos dos países maiores recentemente.

O agravamento da crise europeia representa ameaça para a economia mundial, também abalada pela recuperação anêmica nos EUA.

A consultoria Economist

EXPOSIÇÃO DOS BANCOS EUROPEUS AOS PAÍSES EM CRISE

Recursos que as instituições financeiras têm a receber de cada país, em US\$ bilhões



Fontes: Dados do BIS de março de 2011. * Os dados incluem tanto empréstimos dados pelos bancos a diversos setores de cada um dos cinco países (que podem incluir, setor público e privado por exemplo) como outras operações financeiras que representam recursos que as instituições financeiras têm a receber desses países

Intelligence Unit afirma que o risco de nova recessão é de um em três.

Segundo Ansgar Belke, do Instituto Alemão de Pesquisa Econômica, uma saída para conter a crise seria a recapitalização do sistema bancário europeu pelo BCE.

Mas as discussões políticas ainda parecem estar longe de soluções como essa.

"Infelizmente, a crise não chegou em um nível suficientemente forte para convencer os políticos a tomar atitude mais firme", diz Tony Volpon, da corretora Nomura.

Colaboraram CAROLINA VILA-NOVA e VERENA FORNITTI

Líderes mundiais não evitam falta de confiança

LUCIANA COELHO
DE WASHINGTON

Um dos problemas de fundo na crise europeia é a falta de confiança. Apesar dos apelos de que agirão juntos, líderes mundiais e instituições multilaterais não parecem ter convencido os investidores de que as turbulências serão contidas a tempo de evitar um estrago maior.

Pesam para tanto as idas e vindas em termos de coesão política, tanto no bloco europeu como fora dele.

O dissenso ficou aparente em comunicados sem importância divulgados na reunião anual do Fundo Monetário Internacional em Washington, no fim da semana passada.

Após debates, os únicos consensos que prevaleceram foram que o problema é grave e a necessidade de ação conjunta, urgente.

Sem mais a ofertar, Estados e organismos multilaterais apostaram demais na expansão do EFSF (Fundo Europeu de Estabilidade Financeira) e em pacote selado ne-

la União Europeia em julho. A ampliação dos poderes do EFSF, aprovada pelo Parlamento da Alemanha na semana passada, ainda precisa passar por mais três dos 17 países da zona do euro.

Se o reforço do EFSF não for referendado ou se for insuficiente, não há plano B.

A diretora-gerente do FMI, Christine Lagarde, escreveu que vê três razões para uma ação coletiva.

"Há um senso compartilhado de urgência, um diagnóstico compartilhado de

problemas e uma compreensão comum de que os passos para o próximo período agora estão entrando em foco."

Para Timothy Geithner, secretário do Tesouro americano, "a dívida soberana e a pressão sobre os bancos na Europa são a ameaça mais séria a confrontar a economia".

O IIF, que reúne mais de 400 instituições financeiras, calcula que os bancos europeus já tenham perdido € 300 milhões com a contaminação da região pela queda da confiança dos investidores.

www.pressdisplay.com.br
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW